

Almanaque do Futuro

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 42



**KUSI KAWSAY:
UMA ESCOLA FELIZ NOS
ANDES PERUANOS**

FELIZ DE LONGE

Miriam Pacco está cursando o nono ano escolar na Kusi Kawsay; tem 15 anos e mora com seus pais e irmãos na comunidade quéchua de Paru Paru. A escola está em Písaq, ou seja, relativamente longe de sua casa. Miriam demora para chegar à escola uma hora a pé e outra meia hora de kombi, mas por nada no mundo trocaria de escola. Gosta de

redigir reportagens e quer aprender jornalismo. Vindo de mais longe, Niall Hart está voltando para Kusi Kawsay. O garoto canadense passou seu ensino médio nessa escola quando veio com seu país ao Peru. Niall se tornou profissional do cinema e cinegrafista no Canadá. Faz três meses voltou ao mundo de Kusi Kawsay para apoiar, se desmembrando na sua profissão e veio pra ficar.

Kusi Kawsay, voz quéchua traduzida ao português como vida feliz, é como se chama a escola andina em Písaq, Cuzco, Perú cujo objetivo é fiel ao nome: produzir felicidade nas vidas dos estudantes, professorxs, colaboradorxs e suas famílias. Sua receita parece tão simples como nova: a pedagogia Waldorf contribui, em parte, com a metodologia e os conteúdos de ensino surgem a partir da cultura e a cosmovisão andina. O resultado: uma escola que fortalece a identidade cultural e que prepara para a vida em harmonia, para além da competitividade e individualismo. Uma aposta que, mesmo no início indo na contramão, está se tornando paulatinamente em referência.



CONTRA VENTOS E MARÉS

Faz uns 18 anos, várias famílias de Písaq e Taray, um povoado vizinho, estavam à procura de uma formação escolar para seus filhos, diferente da escola pública que partisse do princípio de uma reafirmação da identidade cultural andina, uma vez que a educação convencional segue apontando para a desvalorização de expressões culturais e da cosmovisão andina. Susana Bolívar, pedagoga e atualmente diretora executiva da Associação Kusi Kawsay – a associação que dirige a escola e é ativamente gestora da cultura andina – explica: *“Meus pais, junto com outras pessoas fizeram grandes esforços para nos permitir uma educação que valorizasse nossas origens. Essa atitude balanceia a auto-negação de muitos que diziam que era melhor não falar com as crianças em quéchua já que ia prejudicá-los na sociedade”*.

No início, conseguiram contatar uma professora Waldorf que aceitou ensinar na escola pública de Taray. Mas a



esperança dos pais de mudar passo a passo o viés do ensino na escola pública da cidade se esfumou rapidamente: as diretrizes do ministério de educação e as práticas na área educativa eram vulneráveis demais, herméticas e discriminatórias.

O grupo de pais, frente a esse panorama desalentador decidiram criar uma escola privada. Sara Franco, a mãe da Susana, junto com Fielding Wood e outros impulsaram a ideia de uma

escola andina, sem se cansar. Norte-americana, Fielding, conseguiu apoio financeiro de vários amigos e amigas nos Estados Unidos para a Escola. Demoraram vários anos em obter a licença de funcionamento da escola, quando esse tramite demora apenas 3 meses para outras escolas privadas. Quando finalmente, em 2009 a escola abriu as portas oficialmente, Susana, a filha mais velha de Sara, já tinha terminado a escola, porém foi esta-

giária e voluntaria em Kusi Kawsay durante seus estudos universitários em educação.

NOS DISSERAM TUDO

Desde o início, o pessoal gestor da escola teve que tolerar comentários de todo tipo: a sociedade local de Písaq e Taray, obviamente não estava pronta para esta nova forma de ensino, superando a típica discriminação cultural, estimulando a criatividade das crianças e dos jovens. Isto gerou críticas, não aceitação e inclusive calúnias. Iñakapalla Chávez, diretora de pesquisa e desenvolvimento de Kusi Kawsay lembra: *“Quando comecei a trabalhar na Kusi Kawsay, faz alguns anos, escutava diversos comentários no povoado, que faziam alusão aos integrantes da Kusi Kawsay como hereges, porque era uma escola alternativa que não promovia a religião católica. Nessa escola, o uso das vestimentas originárias tem sido estimulado, porque nos Andes são um símbolo de identidade cultural que*

tem sido negado pela invasão. Ao em vez de ir às festas do povoado marchando num desfile com ritmo militar, temos participado com nossa música, com a vestimenta tradicional e com danças autóctones. Agora a cidade de Písaq está orgulhosa desta iniciativa educativa”. Somente quando um jornalista de um matutino regional escreveu um artigo, comemorando o resgate cultural andino, praticado pelos alunos de Kusi Kawsay no desfile, as vozes locais dissonantes começaram a se calar. Porém até o dia de hoje, em Písaq a cultura andina é vista mais como um acessório relevante para atrair turistas y não como um portador de identidade e de orgulho do indivíduo.

CONHECIMENTOS ANCESTRAIS E PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE

A associação, além da escola andina impulsiona duas outras iniciativas: como gestora cultural com seu projeto Ñawpa Ñan, traduzido do quéchua: caminho ancestral e a chakra orgânica Kusi Ñan, caminho feliz. Procura-se a fusão de conhecimentos e tradições ancestrais dos Andes com práticas de sustentabilidade para contribuir no empoderamento de crianças, jovens e adultos das comunidades rurais da zona. *“Nós vivemos nossa identidade cultural no aqui e no agora”.* Com Susana tem assumido a segunda geração de tomar as rédeas em Kusi Kawsay. Os seus pais fundaram a escola; aos jovens corresponde agora sistematizar as experiências para conseguir incidir a partir do trabalho de modelo cultural e educativo.

A escola tem a capacidade para mais de cem alunos e os cursos contam na média com catorze crianças ou jovens. A demanda é maior que a capacidade da escola. *“Damos prioridade ao empoderamento de crianças economicamente desafiadas”*, explica Iña. Mais da metade das vagas são reservadas para crianças e

jovens das comunidades da zona. *“Buscamos igualdade de oportunidades e nosso sonho é que as crianças abracem a consciência ecológica, conseguindo um progresso acadêmico, emocional e sociocultural, com maior autoestima”*, diz Susana e continua: *“Mais do que um programa educativo é uma estratégia para um renascimento cultural, que busca uma mudança social. Trabalhamos com as crianças suas origens identitárias e é incrível como rapidamente conseguem se conectar com a natureza”*.



A inspiração e a criatividade de Kusi Kawsay vêm da música, dança e tecido da cultura e sabedoria ancestral andina; esta corrente entra em simbiose com a pedagogia Waldorf, orientando as formas de compartilhar e de ensinar em Kusi Kawsay. Mas sem dúvida alguma prevalece o viés da cultura, identidade e ancestralidade. *“Para enxergar o futuro, é preciso olhar também para atrás”*, explica Sara. Ela acompanha às crianças em nível pré-escolar.

“Os ritmos e ciclos do calendário agrário andino são nosso currículo”. Nelba Mendoza é a mestre da bio-horta e da permacultura. *“A grande maioria dos estudantes gosta da horta. No ensino fundamental trabalhamos as plantas, também a preparação de alimentos. Já no ensino médio praticamos a compostagem, plantas aromáticas e logo mais vamos cultivar cogumelos”*.

EDUCAÇÃO DE FUSÃO

A confluência entre o Bem Viver, o Sumaq Kawsay e elementos culturais andinos por um lado e a pedagogia Waldorf com seus fundamentos antropológicos constituem a escola andina Kusi Kawsay. Não há ameaças, pressionando as crianças a partir das notas; dificuldades na aprendizagem são resolvidas na coletividade e os profes-

sores lidam com métodos de medição diferentes, onde prevalece sempre o processo e não o resultado. Na Kusi Kawsay em vão se procuram castigos ou a educação do carrasco. Esse viés pedagógico guia tanto os pais como professores a quebrar estereótipos. Houve casos, de renúncia de professores que confessaram que não conseguiram assumir essa educação de reconciliação. Também

há casos de mães e pais, tanto nas comunidades andinas como em famílias urbanas que custaram em compreender essa transição entre paradigmas base da educação colonial-patriarcal-antropocêntrica. *“Costuma acontecer das crianças serem quem educa os pais nas suas casas, animando-os a alimentar-se mais saudavelmente, viver a criatividade e em muitos outros assuntos”* compartilha Susana.

Depois de mais de dez anos de funcionamento, Kusi Kawsay é um modelo educativo alternativo da região. No ano de 2021 foi premiado pela UNESCO pelo seu método de educação inovador. Susana como diretora executiva da associação visa oportunidades na conjuntura atual. *“Antes eramos mal vistos, mas agora a percepção em Písaq sobre o colégio é diferente. As autoridades educativas antes não vinham avaliar a escola, agora vem e mostram maior abertura e até curiosidade. Isto nos abre a possibilidade de influenciar nos enfoques pedagógicos da educação pública. Por isso este ano teremos que sistematizar o nosso percurso educativo, só quando tenhamos tudo bem documentado e argumentado, nossa estratégia e atitude propositiva poderá ter sucesso”*. Tem bastante caminho pela frente. Pra Kusi Kawsay uma dança tradicional significa identidade, raízes culturais, afirmação do eu, da coletividade e do território, por exemplo. Embora para a maioria, e não só em Písaq, a mesma dança é uma atividade que só permite ganhar um prêmio nas costumeiras competições ou uma



mera apresentação turística. “Nesses dias Písaq tem uma comemoração” adiciona Susana. “Nós participamos, mas em vez de ser parte do desfile estilo militar organizaremos um passeio noturno com tochas, acompanhado de música tradicional para comemorar o Tampuwaqso, nosso cacique que lutou contra os invasores espanhóis e que foi traído pelo pároco do povoado”.



MIL MUDANÇAS

Durante a pandemia trabalhou-se com videochamadas, procurando maneiras de se esperar mutuamente, se falava de tudo menos da pandemia. Para não deixar abandonadas as instalações da associação e da escola, a

Susana veio morar em Kusi Kawsay durante esse tempo. “Esse ano é de mil mudanças” conta ela com um sorriso maroto. “Poderia ganhar mais dinheiro trabalhando no setor público, mas assumi o desafio de projetar a Kusi Kawsay”. Os desafios, incluindo a digitalização, o risco de comercialização da cultura e uma constância na atitude proativa para incidir são gigantes. “Estamos fazendo muitas mudanças. Economicamente, como o Estado atualmente não paga nada e a contribuição dos pais cobre por baixo dos 20% dos gastos, estamos tentando diferentes maneiras de sermos mais independentes das ajudas solidárias que permitem atualmente nosso funcionamento”. Tem diferentes formas de apoio à escola; tem pais que participam e trabalham nas funções do colégio. “Essas mudanças não são fáceis”, explica Susana. Por muitos anos, tudo funcionou graças ao apoio do exterior. Isso precisa mudar agora. Outra ideia para gerar receita é oferecer formação profissional para professores nesta educação de fusão. Outro caminho poderia ser oferecer cursos

online de música andina, diz Susana, já que o professor de música, Juan Abel, ex-aluno de Kusi Kawsay é um gênio.

Kusi Kawsay poderia ser traduzido também como o lugar onde xs jovens podem se realizar.

MENSAGEM AO FUTURO

- Para ver o futuro, é preciso olhar também para atrás, ou, dito de outra forma, para saber onde ir, ajuda saber de onde venho, tendo uma referência de identidade cultural.
- Viver a identidade cultural não como volta ao passado, mas no Eu, envolvido no “aqui e agora”.
- Despertar a criatividade e fortalecer a identidade cultural levando uma vida em harmonia – responsabilidade principal de qualquer educação – se não cumpre com isso, também não deveria ser chamada de educação.

Almanaque do Futuro

O texto foi elaborado, com base nas conversas in situ por Jorge Krekeler, (coordenador do Almanaque de Futuro - facilitador de Misereor a pedido de Agiamondo) em novembro de 2022. Um profundo agradecimento tanto para Susana Bolívar e Içakapalla Chávez colaboradoras da Associação Kusi Kawsay como para Nelba Mendoza, Sarita Franco e Miriam Pacco da Escola Andina Kusi Kawsay. A Nicole Maron obrigada por ter estabelecido a conexão.

Autores: **Jorge Krekeler**
jorge.krekeler@posteo.de

Design: **Ida Peñaranda - Gabriela Avendaño** Fotografias: **Associação Kusi Kawsay e Jorge Krekeler**

Tradução: **Isabel Pérez Alves**

Dados de contato a respeito da experiência documentada:

Associação Kusi Kawsay
Susana Bolívar – Iñakapalla Chávez

www.kusikawsay.org

info@kusikawsay.org

https://twitter.com/kusi_kawsay

<https://www.facebook.com/Kusi-Kawsay-208957755818431/?ref=ts>

Com o apoio de:

MISEREOR
● IHR HILFSWERK

Edição: **Janeiro de 2023**

www.almanaquedelfuturo.com



CC-BY 4.0, podem aplicar outras licenças a logotipos, imagens individuais e textos (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/21.06.2018>)